

“Uma demonstração de poder que irá deter os inimigos de nossa política de cooperação”: o planejamento do Aeródromo de Santa Maria (RS) em meio às instabilidades platinas durante a Segunda Guerra Mundial

“A demonstration of power that will deter the enemies of our policy of cooperation”: the planning of the Santa Maria Aerodrome (RS) amid Platine instabilities during the Second World War

Thiago Noschang Cabral

UFSM

Maria Medianeira Padoin

Universidade Federal de Santa Maria

Valentina Ayrolo

Universidad Nacional de Mar del Plata (UNMdP)

RESUMO

O artigo analisa as motivações que levaram ao planejamento do Aeródromo de Santa Maria, episódio inserido na construção de bases aéreas no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. Esse evento, pouco explorado pela historiografia em relação às bases aéreas do Nordeste, desvelam pontos instigantes da política externa brasileira da época, voltada para a percepção militar sobre a fragilidade no Sul diante da posição argentina no conflito. Metodologicamente, consiste em um esforço exploratório e descritivo, centrado na análise documental qualitativa de fontes, cuja análise empírica é conduzida pelos questionamentos supracitados. Em termos de *corpus* documental, compõe-se pela triangulação de documentos oficiais de Argentina, Brasil e Estados Unidos. A conclusão demonstra como uma narrativa de ameaça argentina foi alimentada, principalmente pelos militares brasileiros, a fim de justificar a transferência de técnicos e maquinário pesado das bases do Nordeste para o Sul, em um verdadeiro esforço de guerra. Além disso, compreende as motivações da escolha de Santa Maria interligadas ao seu caráter militar estratégico voltado para a região platina.

Palavras-chave: Brasil; política externa; Segunda Guerra Mundial; Aeródromo de Santa Maria; política externa.

ABSTRACT

The article analyzes the motivations that led to the planning of the Santa Maria Aerodrome, an episode inserted into the construction of air bases in Brazil during World War II and which reflects the military perception of fragility in the South given the Argentine position in the conflict. Methodologically, it consists of an exploratory and descriptive effort, focused on the qualitative documentary analysis of sources, whose

empirical analysis is guided by the aforementioned questions. In terms of the documentary corpus, it is composed of the triangulation of official documents from Argentina, Brazil, and the United States. The conclusion demonstrates how a narrative of an Argentine threat was fueled, mainly by the Brazilian military, in order to justify the transfer of technicians and heavy machinery from the Northeast bases to the South, in a genuine war effort. Furthermore, it understands the motivations for choosing Santa Maria as being interconnected with its strategic military character aimed at the Platine region.

Keywords: Brazil; foreign policy; World War II; Santa Maria Aerodrome; foreign policy.

1 INTRODUÇÃO

Diferentemente da construção das bases aéreas no Nordeste brasileiro, existe um evento semelhante, que se desenrolou no mesmo período e possui reverberações tão importantes para a história da política externa brasileira, mas que ainda permanece pouco abordado pela historiografia: o planejamento e a construção de bases aéreas no sul do Brasil.

Abordados por autores como Henrique (2022) e Oliveira (2015, 2019), os episódios demonstram como uma crescente tensão nas relações entre Brasil, Estados Unidos e Argentina – por conta do posicionamento deste último país em relação ao Eixo – motivou o alto escalão militar brasileiro a realizar um de seus maiores objetivos: promover o envio de um fluxo contínuo de armamentos para o país, direcionado para aquele que, na visão dos estrategistas brasileiros, era o perigo geopolítico imediato: a Argentina.

Além do envio de armamentos, nas negociações entre autoridades brasileiras e estadunidenses, o general Pedro Aurélio Góes Monteiro argumentou a favor da construção de bases aéreas – semelhantes às que vinham sendo feitas no Nordeste – no Sul do país, como medida para conter a expansão militar e a influência argentina no Prata.¹

Correspondendo à lógica estratégica consolidada pela Missão Militar Francesa em 1914, a Comissão Brasil-Rio de Janeiro julgou pertinente que duas bases aéreas fossem construídas no Sul do país, a fim de criar um efeito psicológico que desestimasse a Argentina de qualquer avanço militar. Após deliberações, as autoridades de ambos os países optaram por duas localidades: Santa Maria (RS) e Curitiba (PR).

As causalidades atreladas ao episódio em questão são complexas e multifacetadas. Poucos trabalhos lidam com o episódio, e os que o abordam deixam inúmeras dúvidas.

¹ Entendemos por “Prata” o espaço regional onde se desenvolveram as relações internacionais entre Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia e Brasil (Doratioto, 2014).

Nesse sentido, neste artigo, buscamos responder: por que Santa Maria, uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, foi escolhida e qual a sua relação com o contexto nacional e internacional da época. São essas as perguntas que serão respondidas neste artigo.

Metodologicamente, esta pesquisa constitui um esforço exploratório e descritivo, centrado na análise documental qualitativa das fontes, sendo a análise empírica da documentação conduzida pelos questionamentos supracitados. Em termos de *corpus* documental, este é composto pela triangulação de documentos oficiais (como telegramas, memorandos e relatórios da burocracia estatal) dos três países diretamente envolvidos nos episódios analisados: Argentina, Brasil e Estados Unidos.

O primeiro acervo acessado foi o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), onde foi possível encontrar diversos documentos trocados entre o Executivo e agentes burocráticos (militares, diplomatas etc.), bem como comunicações de brasileiros com autoridades estrangeiras.²

Com o intuito de entender os interesses estadunidenses na empreitada, foram analisados também documentos digitalizados no arquivo intitulado “Brazil”, localizado na caixa 24³ da ferramenta digital de busca Franklin, hospedada no Franklin D. Roosevelt President Library & Museum⁴. Nesses documentos, aparece a percepção estadunidense sobre a Argentina e as medidas a tomar em relação a esta, em parceria com o Brasil.

Ainda no âmbito dos documentos estadunidenses, foram levantados documentos da *Joint Brazil United States Defence Commission* (JBUSDC), organizados no acervo da *United States Army Forces South Atlantic* (USAFSA). Neles, são abordadas as deliberações acerca da construção das pistas de pouso no Sul, concedidas pelo professor Dennison de Oliveira via pasta no Google Drive.⁵

2 O APARELHAMENTO COMO PAUTA DA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

² Desse acervo, foram acessados documentos relativos ao entendimento do governo brasileiro sobre fornecimento de equipamentos bélicos vindos dos EUA e a percepção sobre a Argentina no decorrer da Segunda Guerra Mundial.

³ Franklin D. Roosevelt Presidential Library & Museum. **Franklin D. Roosevelt, Papers as President: The President's Secretary's File (PSF), 1933-1945: Brazil, Box 24.** Disponível em: <http://www.fdrlibrary.marist.edu/archives/collections/franklin/?p=collections/findingaid&id=502>. Acesso em 19 jun. 2025.

⁴ Por sua vez, essa *Presidential Library* é associada à *National Archives and Records Administration*, responsável por organizar e tornar públicos arquivos, documentos, artefatos de determinado presidente. Nesse sentido, o material acessado digitalmente é apenas uma fração do que pode ser encontrado, tanto virtual quanto presencialmente. Mais informações em: <https://www.fdrlibrary.org/what-is-a-presidential-library>.

⁵ Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/16Z7i2oclmGq8Hao-Glu2NwGVMkrCBDI>. Acesso em nov. 2024

Entre 1934 e 1941, a política externa brasileira foi guiada por um movimento dúbio que alternou o apoio a países ligados aos Aliados e ao Eixo. O interesse do Brasil, após o golpe de 1930, verificou-se, em um primeiro momento, pela manutenção do acesso aos mercados consumidores dos produtos primários, em um contexto marcado pelo protecionismo após a Crise de 1929.

Tão importante quanto atender aos interesses das antigas elites tradicionais cafeeiras foi o investimento na indústria nacional, respondendo com as mesmas armas utilizadas pelas grandes potências outrora defensoras do liberalismo econômico e político. Na esteira desse processo, outro objetivo que se consolidou foi atender aos interesses de um grupo fundamental tanto para a chegada quanto para a preservação de Vargas no poder em 1930: os militares.

Desde o início da República, o aparelhamento da Armada e do Exército se tornou pauta premente dos círculos militares, ou seja, a destinação de mais recursos para a aquisição de armamentos, munições, vestuário, belonaves etc. Durante a Primeira República (1880-1930), o movimento tenentista foi um dos primeiros a salientar tanto a necessidade de o país obter esses armamentos – tendo em vista as instabilidades regionais – quanto a de desenvolver a economia nacional por meio da indústria de base – princípio influenciado pela ideia de progresso positivista.

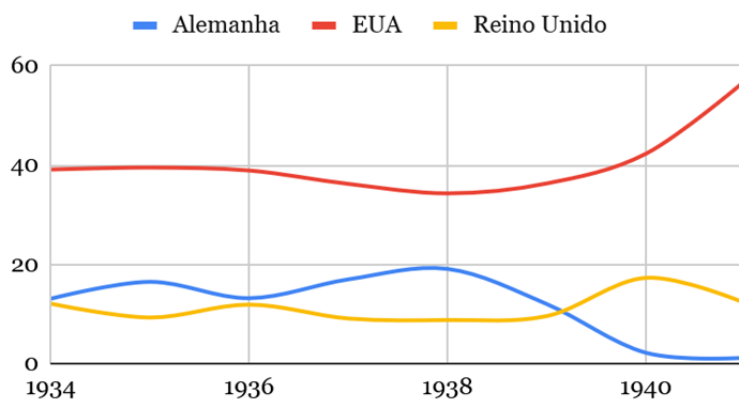
Nesse sentido, conforme se moldavam os antagonismos que desaguaram na Segunda Guerra Mundial, o Brasil, sob Vargas, consolidou um “jogo duplo”, principalmente entre Alemanha e Estados Unidos, onde, apesar de a inclinação pender mais para os segundos, a aproximação com o primeiro foi levantada como forma de conseguir melhores negociações, tendo em vista o receio estadunidense com o aumento da influência germânica tanto no Brasil quanto na América do Sul (Gambini, 1977).

Entre ambos os países, além da venda de café e algodão, uma das principais pautas consistiu na aquisição de armamentos e na construção de uma siderúrgica nacional, interesses que continuavam a ser defendidos pela atuação de dois militares chave no governo: Pedro Aurélio Góes Monteiro e Eurico Gaspar Dutra.

Com os Estados Unidos, ao menos desde 1935, houve uma aproximação mais consolidada em matéria militar. Esse fato se insere em um processo mais abrangente, no qual fora defendido de maneira sistemática por uma influente figura do Itamaraty, José Maria da Silva Paranhos Júnior, o Barão do Rio Branco, que era inevitável que os EUA se tornassem uma grande potência e, diante desse cenário, era essencial para o Brasil se alinhar a este país, desenvolvendo uma parceria estratégica que possibilitasse contrabalançar o apoio britânico ao seu maior rival, a Argentina.

Diferentemente do comércio estadunidense, o comércio com os alemães foi regido pelo comércio compensado. Inicialmente, mostrou-se o caminho mais direto para o acesso aos armamentos desejados pelo alto escalão militar, que, por outro lado, era proibido pelo Congresso estadunidense, devido aos Atos de Neutralidade, oriundos do isolacionismo (Hilton, 1975). O período entre 1934 e 1941 apresenta o seguinte cenário no que tange às exportações brasileiras:

Figura 1 – exportações brasileiras em milhões de dólares entre 1934 e 1941



Fonte: elaborado pelos autores a partir das informações contidas em Latfalla, 2023, p. 69.

No gráfico acima, é possível observar que a Alemanha exerceu liderança entre os países europeus, sendo superada pelo Reino Unido apenas a partir de 1939, em decorrência do bloqueio continental, o que resultou em uma queda de 12 para 2,2 milhões de dólares. Por outro lado, os estadunidenses se tornaram o principal destino — apesar da queda em 1930 —, com crescimento significativo após o bloqueio e pico em 1941.

Devido à intensa colonização alemã oriunda dos séculos XVII e XIX, bem como à presença de inúmeros negócios de origem germânica e ao interesse diplomático alemão em preservar boas relações com um país rico em matérias-primas, a proximidade se deu também nos âmbitos cultural, político e diplomático. Isso pavimentou uma boa relação com a Alemanha e a percepção pela diplomacia desse país de que, em 1934, o Brasil era ainda uma resistência ao pan-americanismo (Rahmeier, 2022).

Por outro lado, conforme o fascismo se consolidava como movimento de massas na Europa, diversas personalidades e setores da sociedade começaram a admirar essa ideologia, que prometia superar as contradições da democracia liberal e as ilusões do comunismo, colocando-se como uma alternativa para o desenvolvimento de um Estado forte e centralizador.

Dentro do governo, a admiração pelo modelo foi marcadamente acentuada nos meios militares, em especial entre Góes Monteiro e Dutra. Estes eram receosos quanto à aproximação com os EUA, preferindo a Alemanha. Missões militares e econômicas foram desenvolvidas, já renunciando a necessidade de materializar a aliança especial de Rio Branco num contexto marcado por instabilidades regionais, como o conflito entre peruanos e colombianos na Questão de Letícia (1932-1933), e os atritos entre paraguaios e bolivianos, durante a Guerra do Chaco (1932-1935) (Doratioto, 2018).

Por outro lado, Oswaldo Aranha, personalidade central da Era Vargas que exerceu os postos de ministro das Finanças, embaixador brasileiro em Washington (1933-1938) e chanceler (1938-1944), foi um dos maiores defensores do alinhamento aos EUA e contrário à aproximação ideológica com o Eixo (Capelato, 2019; Latfalla, 2023).

Nesse cenário, devido a uma base política composta por personalidades tanto pró-Eixo quanto pró-Aliados, Vargas buscou equilibrar os interesses e as oportunidades tanto em nível doméstico quanto internacional, sendo a voz final da decisão sobre quais acordos seriam mais benéficos. Para tanto, foi uma ferramenta constante jogar os grupos domésticos uns contra os outros – em especial dentro das Forças Armadas – e negociar, no palco internacional, acordos com Alemanha e Estados Unidos, tendo como moeda de troca o alinhamento e o interesse nos meios de aperfeiçoamento militar, econômico e diplomático do país (Cervo, 2001; Cervo; Bueno, 2002; Fausto, 2024).

É sob essa base que se deu o interesse pelo comércio compensado, que resolvia tanto os interesses atrelados ao mercado agroexportador brasileiro quanto os das Forças Armadas por armamentos. É nesse contexto que são firmados acordos entre o governo brasileiro e a empresa alemã de armamentos, a Krupp. Entre março e agosto de 1938, foram negociados:

[...] aquisição de canhões de campanha e de montanha de 75mm, obuses de 105mm, canhões antiaéreos de 75 e 88m, e canhões de longo alcance de 150mm, no valor total de 8.281.882 libras esterlinas, a serem pagas em várias prestações. Em Essen, sede da Krupp, existia uma Comissão Militar do Governo do Brasil para a resolução de assuntos relativos aos contratos firmados (Latfalla, 2023, p. 72).

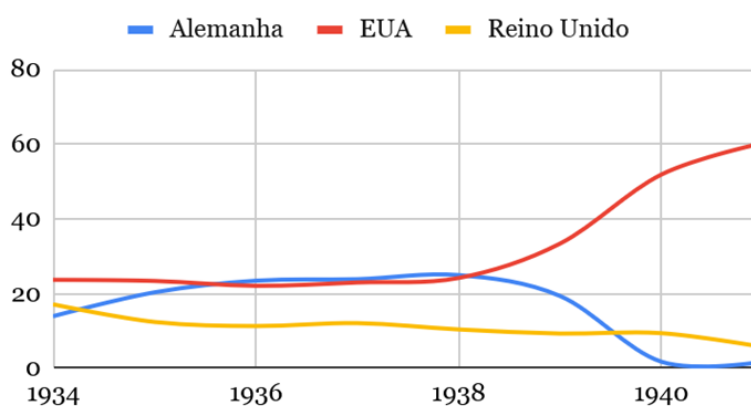
Essa aproximação foi vista com maus olhos pelos estadunidenses, paralisando as tratativas semelhantes com Washington, que já desconfiava do Brasil por conta da base política germanófila (Smith, 2007). O impasse nas negociações desagradou o Brasil, que, apesar da proximidade com a Alemanha, percebia como menos vantajosa a aliança com esse país, o qual, por questões logísticas e de agenda, prometia um maior fluxo de armamentos e a tão sonhada siderúrgica apenas no pós-guerra (Oliveira, 2015).

Nesse sentido, é ilustrativo o episódio de 11 de junho de 1940, quando Vargas, a bordo do encouraçado *Minas Gerais*, proferiu um discurso elogiando o avanço do totalitarismo fascista e prevendo a derrocada das democracias. A repercussão do discurso fez com que os Estados Unidos agilizassem as tratativas acerca da construção da siderúrgica e do fornecimento de armamentos. A agilização se deu porque, entre 1939 e 1941, o principal objetivo da política externa estadunidense consistiu em evitar que o Eixo criasse bases no hemisfério sul.

Nesse sentido, devido à dificuldade de se obter armamentos de Berlim por conta do bloqueio naval britânico de 1939 e da melhora das ofertas estadunidenses, o Brasil, de forma discreta, abandona o jogo duplo e, a partir de 1940, dá indícios de que o aliado de fato era os Estados Unidos. Essa mudança de orientação é perceptível, inclusive, nas fontes de importação brasileiras.

A partir de 1939 os estadunidenses retomam a liderança nas importações brasileiras – momentaneamente superadas pela Alemanha entre 1936 e 1938, demonstrando a força do comércio compensado – saltando de 33,4 milhões de dólares para 60,3 milhões em 1941 – crescimento de 80,5%. Por outro lado, a Alemanha testemunha uma queda de 90,7% (Figura 2).

Figura 2 - Principais mercados de importações brasileiras (1934-1941) em milhões de dólares



Fonte: elaborado pelos autores a partir das informações contidas em Latfalla, 2023, p. 68-69.

Outros sinais da aproximação entre os dois países se deram em decorrência da aprovação de um decreto por Roosevelt que possibilitou a venda de armas ao Brasil. Em 25 de setembro de 1940 chegou aos EUA a delegação brasileira que concluiu o acordo sobre a ajuda financeira e tecnológica para a construção da Siderúrgica de Volta Redonda (Hilton, 1975; Frota, 1991; Cervo; Bueno, 2002; Pinheiro, 2004).

Em grande medida, a construção da siderúrgica foi uma troca necessária em prol do aval brasileiro para a construção de bases aéreas no Nordeste, em 1941, região

essencial tanto para o esforço defensivo do continente quanto para o apoio logístico no combate ao Eixo na África (McCann, 1975).

2.1 A construção das bases aéreas no nordeste e os projetos para o sul

As construções de bases aéreas no nordeste brasileiro ocorreram em um momento em que os estadunidenses cogitaram um risco real de invasão de forças do Eixo partindo de Dacar, na costa africana. O receio foi intensificado pela tomada de colônias francesas pelos alemães, após os tratados firmados entre a Alemanha nazista e a França de Vichy em maio de 1941. Entre as colônias, a atual capital do Senegal, Dacar, era um ponto estratégico para se alcançar a costa brasileira, à distância de oito horas de voo (McCann, 1975; Smith, 2007; Oliveira, 2011).

Diante desse cenário, a proteção do ponto saliente do Nordeste se tornou uma das principais preocupações dos EUA, sobretudo quando se constatou a falta de infraestrutura defensiva do Brasil para responder a uma invasão (Latfalla, 2023). Nesse sentido, além do envio de maquinário e técnicos para a construção das bases, foi necessário o envio de militares estadunidenses que, de forma discreta, estiveram presentes para garantir a defesa das bases (McCann, 1975; Herman, 2022).

As bases foram construídas a partir de um acordo entre o governo estadunidense e a subsidiária da *Pan American Airways*, a Panair do Brasil – empresa de fachada para a construção, sem atrair atenção internacional, de bases militares. As bases foram finalizadas em junho de 1941, servindo tanto como defesa quanto como apoio logístico, destinadas ao envio de suprimentos e militares para apoiar a luta dos britânicos contra os nazistas no Norte da África (Cervo; Bueno, 2002; Oliveira, 2011; Fausto, 2024; Henrique, 2022).

Entretanto, diferentemente da visão estratégica dos EUA, preocupados com a sua defesa, os militares brasileiros enxergavam que o ponto de fragilidade não era o Nordeste, mas sim o Sul. Os estrategistas militares brasileiros temiam uma eventual mobilização de tropas na Argentina, partindo de Misiones e Corrientes, que promoveria a agitação das comunidades italianas e germânicas localizadas no Sul do país (Gambini, 1977; Smith, 2007).

Portanto, desde então esperava-se que a parceria estadunidense também fortalecesse a posição brasileira no Prata, região vista como estratégica pela doutrina militar brasileira. Para concretizar esse objetivo, duas situações propícias foram fundamentais: primeiro, a necessidade de se decidir qual o destino dos técnicos e,

principalmente, do maquinário pesado levado para o Nordeste; e segundo a irrupção de uma crise no Prata que justificasse tamanho esforço logístico.

Esse cenário propício começa a se delinear a partir de 1942, com a entrada direta dos EUA na Segunda Guerra Mundial, momento em que Argentina e Brasil, rivais históricos, definiriam quais caminhos tomar no decorrer do conflito.

3 A DISPUTA DE PODER NO PRATA E O “PERIGO ARGENTINO” (1941-1943)

O ataque japonês a Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941, marca um divisor de águas no posicionamento dos países sul-americanos em relação ao conflito. Após a declaração de guerra dos Estados Unidos ao Eixo, seguiu-se a ativação das linhas diplomáticas, colocando em prática o pan-americanismo – a ideia de um continente americano sob a liderança estadunidense – como forma de alinhar esforços no sentido de demonstrar a solidariedade continental, princípio construído em meio às conferências pan-americanas desde o início do século XIX (Dulci, 2008).

O pan-americanismo, construído retoricamente por décadas desde o início da administração Roosevelt, serviu como uma espécie de corda para transferir a responsabilidade da defesa hemisférica aos países. Defendendo o princípio da solidariedade continental, os EUA pressionaram para que as demais repúblicas sul-americanas rompessem relações diplomáticas com o Eixo de maneira uníssona, demonstrando a união do continente frente a uma ameaça em comum. As bases dessa coordenação foram lançadas durante a IIIª Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas, realizada entre 15 e 28 de janeiro de 1942 (Fortes, 2024).

Na oportunidade, Vargas demonstrou solidariedade imediata ao ataque. Contudo, condicionou o rompimento de relações do Brasil à certeza, por parte de Roosevelt, de que, se o país tomasse essa medida, seria recompensado com o aparelhamento da sua força. Essa confirmação se deu por parte do Subsecretário de Relações Exteriores, Benjamin Sumner Welles, que entregou uma carta ao próprio presidente estadunidense, garantindo o envio dos armamentos (Fortes, 2024).

Por outro lado, a Argentina, juntamente com o Chile, discordava dos EUA. Tendo por base uma argumentação voltada para a defesa da soberania, o representante argentino, Enrique Luiz Guiñazú, argumentou que a XXIIIª Resolução, que postulava o rompimento de relações diplomáticas com o Eixo, deveria ser uma recomendação, e não uma obrigatoriedade para os demais países. A reação estadunidense foi de repúdio, com o

Secretário de Estado, Cordell Hull, alegando que a não-obrigatoriedade do rompimento representava uma vitória do Eixo e uma humilhação para a diplomacia estadunidense (Brancato, 1994; Coelho, 2000; Cervo; Rapoport, 2015).

A negativa argentina ao rompimento representou o estopim de um Departamento de Estado que, ao longo dos séculos, cristalizou um sentimento de antipatia à tradicional resistência argentina ao pan-americanismo. A resposta foi o início de uma campanha difamatória da Argentina por parte dos EUA, buscando associar o país a um covil de nazistas na América do Sul e a inimigos da solidariedade continental (Rapoport, 2003).

Além do esforço em isolar diplomaticamente a Argentina dos demais países da região, os EUA negaram qualquer envio de equipamentos militares e ajuda financeira aos argentinos via *Lend-Lease*⁶. De outubro de 1941 até o final da guerra, cerca de 100 milhões de dólares foram concedidos pelos EUA ao Brasil, enquanto nada foi enviado para a Argentina (Conn; Fairchild, 1989).

Se por um lado, os EUA rechaçaram o posicionamento argentino, por outro, a Alemanha foi crítica da medida brasileira. Como demonstra Rahmeier (2022), a aproximação entre Brasil e EUA já era percebida pelos círculos diplomáticos alemães, que possuíam informantes nos mais altos círculos das Forças Armadas brasileiras. Além do conhecimento acerca das bases aéreas no Nordeste, a Alemanha sabia dos avanços em torno da negociação sobre os armamentos.

Nesse sentido, a declaração de guerra, bem como o simbolismo em torno da denúncia oficial por parte da Chancelaria alemã acerca de violações de direitos de descendentes de alemães no Sul do Brasil, instigou medidas ofensivas por parte dos germânicos (Fortes, 2024). Assim, entre fevereiro e julho de 1942, seguiu-se o torpedeamento de diversos navios brasileiros, totalizando mais de seiscentas vítimas (Dulles, 1967). Além do torpedeamento das embarcações que levavam materiais para a construção da Siderúrgica de Volta Redonda, em fevereiro, também foram atacados navios comerciais e de passageiros. Seguiram-se manifestações populares massivas que pediam a declaração de guerra ao Eixo.

Em agosto, submarinos alemães e italianos afundaram mais seis navios, resultando no aparecimento dos corpos dos brasileiros assassinados em praias do Nordeste brasileiro, tornando a declaração de guerra uma medida inadiável por parte do

⁶ Também conhecido como Lei de Empréstimo e Arrendamento de 11 de março de 1941, foi um mecanismo que autorizou os Estados Unidos a vender, emprestar ou arrendar qualquer serviço ou itens atrelados ao esforço de guerra aliado (Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – DHBB, CPDOC-FGV, verbete LEND LEASE ACT. Disponível em: <https://www18.fgv.br/Cpdoc/Acervo/dicionarios/verbete-tematico/lend-lease-act>. Acesso em 11 out. 2025.

governo federal. Em 22 de agosto de 1942, foi reconhecido o estado de beligerância entre Brasil e Alemanha, e em 31 de agosto foi declarada a guerra ao Eixo (McCann, 1975).

A declaração de guerra teve pouco efeito prático. Na verdade, seu peso se deu em uma dimensão simbólica, afinal, além da construção das bases aéreas no Nordeste (desde 1941), os acordos em torno do Lend-Lease foram firmados em 23 de maio de 1942, resultando na criação de duas comissões conjuntas que tiveram por objetivo coordenar a logística de defesa e o envio de armamentos para o Brasil.

É nesse contexto que é criada a *Brazil-United States Defense Commission em Washington*, para a qual foi recomendado o nome do então general Estevão Leitão de Carvalho. Foi este militar o responsável por negociar diretamente com os estadunidenses a demanda brasileira em relação tanto a armamentos quanto a capital utilizado na infraestrutura aérea e terrestre (Oliveira, 2015; Henrique, 2022). Em contrapartida, enquanto, por um lado, a parceria com os EUA se tornou cada vez mais sólida, correspondendo aos interesses centrais das Forças Armadas brasileiras, o contrário se verificou com a Argentina e a sua proximidade com a Alemanha.

A situação argentina se deteriorou com o episódio envolvendo o vazamento da carta do Ministro das Relações Exteriores da Argentina, o marinheiro Segundo Rosa Storni, destinada a Cordell Hull (Svartman, 1999). Na correspondência em questão, o chanceler argentino afirmava que o governo estaria disposto a romper relações com o Eixo desde que os EUA enviassem armas para Buenos Aires.

Entretanto, Hull não apenas respondeu de maneira ríspida como também vazou o diálogo para a revista *Times*, o que expôs o caso internacionalmente. O resultado foi a deposição do atual governo por um grupo ainda mais pró-Eixo – o Grupo de Oficiais Unidos (G.O.U.) –, que interpretou o episódio como uma demonstração de fraqueza diante do desafio *yankee* à soberania argentina (Paz; Ferrari, 1971; Frota, 1991).

Como resultado, o temor acerca da radicalização da política argentina entre elementos próximos do Eixo levantou receio na diplomacia brasileira quanto à movimentação argentina, o que a levou a acompanhar de perto a situação. Nesse sentido, a partir de então, passaram a ser produzidos grandes números de informes de adidos militares, diplomatas e demais informantes brasileiros em Buenos Aires, a mando de Vargas. Entre as informações que chegavam ao Brasil dos informantes, estavam: investimentos pesados na aviação militar situados na Mesopotâmia argentina; criação de fábricas de armas leves em Rosário; e mobilizações anômalas na fronteira – em cidades como Posadas e Concórdia (Campos, 2024).

Os tomadores de decisão brasileiros – e em especial os militares – temiam que a Argentina, com a aproximação com a Alemanha e o isolamento estadunidense, estaria se preparando para uma guerra, reavivando um antigo temor da diplomacia brasileira: o de que a Argentina buscava reestruturar o Vice-Reinado do Prata, em movimentações que, por meio da influência, pavimentariam o caminho para a anexação militar de territórios platinos pertencentes ao Paraguai, Uruguai e Sul do Brasil (Svartman, 1999; Cervo; Bueno, 2002; Cervo; Rapoport, 2015; Doratioto, 2014).

Por outro lado, publicamente, a diplomacia brasileira buscou manter o canal de diálogo com a Argentina, bem como mediar a situação com os EUA. Esse posicionamento de publicamente buscar soluções diplomáticas e, nos bastidores, garantir a preparação militar cautelosa, foi premeditado por Oswaldo Aranha, que receava que a diplomacia hostil estadunidense empurrasse a Argentina contra uma guerra regional com o Brasil (Cervo, 2001; Moniz Bandeira, 2014).

Por fim, o pico de tensões com a Argentina ocorreu em 1943, com dois incidentes em poucos meses. O primeiro deles foi em torno da "Operação Hellmuth", em outubro, e o segundo consistiu no golpe de Estado na Bolívia, em dezembro (Rapoport, 2003).

4. O GOLPE NA BOLÍVIA E A CONSTRUÇÃO DO AERÓDROMO DE SANTA MARIA (RS) (1943-1944)

Entre 29 e 30 de outubro de 1943, Oscar Alberto Hellmuth, cônsul da Argentina na ilha caribenha de Trinidad e agente duplo da *Reichssicherheitshauptamt* (Gabinete Central de Segurança do Reich, subordinado à Heinrich Himmler), foi preso por autoridades britânicas, que haviam sido informadas sobre os planos de Hellmuth de transportar armamentos da Alemanha para a Argentina. O episódio repercutiu internacionalmente, reforçando as conexões entre a Alemanha nazista e a Argentina no contexto em tela, o que intensificou as medidas estadunidenses e o repúdio da comunidade internacional pró-Aliados (Paz; Ferrari, 1971; Rapoport, 2003). Em resposta, foi criado o Comitê Consultivo de Emergência para Defesa Política do Continente (CCEDPC) em Montevidéu, sendo basicamente um local de encontro entre os governos alinhados ao pan-americanismo para vigiar e fornecer respostas conjuntas a manifestações do Eixo no continente americano – e em especial acompanhar o desenvolvimento da política externa argentina (Svartman, 1999; Muñoz, 2010).

O segundo evento ocorreu em 20 de dezembro de 1943, quando o mandatário boliviano em exercício, Enrique Peñaranda, foi retirado do poder após um golpe de Estado

que pôs em seu lugar personalidades nacionalistas e pró-Eixo. Por parte dos EUA, o não-reconhecimento imediato do governo surgido pelo golpe levantou dúvidas acerca da influência deste país no *coup d'État*. A partir de investigações, a inteligência estadunidense concluiu que tanto a Argentina quanto a Alemanha nazista forneceram suporte logístico para o golpe, em uma tentativa de aumentar a adesão à neutralidade na região. Além disso, os EUA denunciaram a existência de uma complexa rede de espões centrada em Buenos Aires (Svartman, 1999; Doratioto, 2014; Oliveira, 2019).

Ambos os eventos foram o estopim para os estadunidenses mudarem sua abordagem em relação à Argentina. Além das sanções e da desmoralização nos periódicos internacionais, Cordell Hull e Roosevelt convergiram na opinião de que novas medidas mais assertivas eram necessárias para demover os argentinos de sua atual orientação internacional.

O receio estadunidense era de que o evento na Bolívia não era um caso isolado, mas sim parte de um plano maior de golpes direcionados para levar ao poder grupos políticos pró-Eixo, aumentando o número de países neutros aglutinados no que seria o "Bloco Andino" – ou seja, um grupo em contraponto ao pan-americanismo (Latfalla, 2023).

Assim, entre as medidas recomendadas por Hull em 8 de janeiro de 1944, estava o envio de armamentos para o Sul do Brasil, o que ia ao encontro do que os militares brasileiros mais almejavam⁷. O objetivo era criar um efeito dissuasório na Argentina. É na mesma linha que, em 11 de janeiro do mesmo ano, o militar representante do Brasil na supracitada Comissão Mista em Washington afirma:

Está claro agora que não se trata de uma questão de jogar as forças brasileiras contra suas nações irmãs. O que pode ser feito é **causar uma demonstração de poder que irá deter os inimigos** de nossa política de cooperação em benefício da paz continental (Leitão de Carvalho, 1944, p. 1-2, grifos nossos).⁸

Não contente apenas com o envio de armamentos, Leitão de Carvalho continua na mesma correspondência:

⁷ Hull, Cordell. [Correspondência]. Destinatário: Franklin Delano Roosevelt. Washington, 8 jan. 1944a. Disponível em: <http://www.fdrlibrary.marist.edu/resources/images/psf/psfa0239.pdf>. Acesso em 14 mai. 2025.

⁸ [Tradução nossa] do original em inglês: “*In Brazil, it would show the Government and people that we are standing behind them in a realistic way and would permit Brazil to move forward with its preparation to send an overseas expeditionary force.*”. Fonte: Leitão de Carvalho, Estevão. [Correspondência]. Destinatário: General Ord. Washington D.C, 11 jan. 1944. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/16Z7i2oclmGq8Hao-Glu2NwAGVMkrCBDI>. Imagens DSC07408 e DSC07409. Acesso em 09. mar. 2025.

Imagine, General, a repercussão que terá nas nações fronteiriças quando as notícias, por exemplo, de que técnicos Brasileiros e Americanos, com abundante e moderno material, rapidamente começaram a trabalhar **nas bases aéreas de Santa Maria, Canoas e Florianópolis** – bases escolhidas com base na Recomendação Número 15 – e quanto material bélico estava sendo descarregado no Rio Grande do Sul! (*Idem*).

Como explorado em Oliveira (2015, 2019) e Henrique (2022), o interesse na construção de bases aéreas no Sul do país está diretamente ligado a uma oportunidade criada com as construções no Nordeste. Após a finalização dessas obras, houve interesse por parte dos tomadores de decisão brasileiros em utilizar o maquinário pesado transportado para a realização de outras obras.

Além da construção de rodovias no Nordeste, a crise na relação com a Argentina, após os eventos do segundo semestre de 1944, criou condições que justificassem o envio de tais maquinários e técnicos ao Sul, em localidades que seriam decididas em conjunto para a construção de bases aéreas em resposta à percepção de ameaça argentina.

Assim, entre 21 e 25 de janeiro, militares e técnicos foram enviados para localidades, a fim de decidir quais seriam as melhores para receber os projetos de bases aéreas (Henrique, 2022). Alegrete, Santa Maria, Florianópolis, Canoas e Curitiba foram consideradas cidades estratégicas e, dessas, apenas duas foram contempladas. Após a análise dos locais, Curitiba e Santa Maria foram os locais escolhidos como base aérea, mas, no fim, se tornaram aeródromos (Henrique, 2022).

Chama a atenção, ainda, a menção de Santa Maria, uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, como uma das possibilidades de locais para a construção de um aeródromo em plena Segunda Guerra Mundial. Nesse sentido, a partir do próximo subtópico, buscaremos entender quais particularidades levaram essa cidade a receber tal investimento.

4.1. As particularidades de Santa Maria (RS) e a sua atuação na geopolítica do Prata

Santa Maria – também conhecida como Santa Maria da Boca do Monte – é uma cidade localizada na região Central do Rio Grande do Sul. Suas origens remontam ao processo de delimitação de fronteiras entre Espanha e Portugal, no qual a localidade serviu primeiramente como um ponto de observação das fronteiras – devido à sua posição geográfica elevada – e, depois, como um núcleo militar, na segunda metade de 1797 (Belém, 1989; Dalmolin, 2006; Padoin, 2022).

Mesmo com a consolidação das fronteiras ao Sul no atual aspecto, a cidade continuou a receber influência em sua formação em decorrência da proximidade com as

Fonte: Acervo Cartográfico do Instituto Histórico e Geográfico do RS, W. Regius, 1926. Em destaque a localização de Santa Maria (feito por nós). Disponível em: https://www.ihgrgs.org.br/mapoteca/cd_mapas_rs/CD/imagens/mapas/cap_4/cap_4.3/566-310.htm.

Acesso em 10 mai. 2025.

Ao se tornar um dos principais entroncamentos ferroviários do Sul, a cidade ganhou notoriedade nacional. Especificamente voltado para a estratégia militar, é digno de nota que, durante a vigência da Missão Militar Francesa no Brasil (1920-1940), a função defensiva de Santa Maria foi mais uma vez reiterada. Em especial, durante a passagem do major francês Fanneau de la Horie pelo Rio Grande do Sul – entre 7 de dezembro de 1917 e 15 de janeiro de 1918 –, ele observou que:

'Santa Maria no pé da montanha tem importante estrada de ferro, é o centro de gravidade do Rio Grande e um ponto estratégico dos mais importantes em caso de conflito com a Argentina' (Horie, 1918, *apud* Bellintani, 2009, p. 250, grifos nossos).

Nesse sentido, além de reiterar a importância estratégica da localidade, os oficiais franceses defenderam que fosse desenvolvido outro elemento revolucionário da época na cidade: a aviação militar. Assim sendo, em abril de 1922, foi inaugurado o Parque de Aviação Militar (PAM), no atual bairro do Boi Morto, em Santa Maria. Em dezembro do mesmo ano, chegaram dezoito aviões (dos tipos Breguet e Spad), utilizados pela França na Primeira Guerra Mundial (Bellintani, 2009). Em resumo, a introdução dos trilhos ferroviários na cidade catalisou o papel estratégico dela, que, além de auxiliar no desenvolvimento comercial local, a tornou um ponto de relevância regional a ser mobilizado em momentos de tensão no Prata (Dalmolin, 2006; Eggers, 2019; Machado, 2008).

À luz do contexto acima, é possível entender com maior profundidade as motivações que levaram à sua escolha para a construção de um Aeródromo em 1944. Já neste ano, a cidade era nacionalmente conhecida pela sua faceta militar, voltada para a defesa do porto de Rio Grande e da fronteira Sul. Soma-se a essas motivações o fato de que, após análise dos técnicos estadunidenses — em especial o General-Brigadeiro Robert L. Walsh, comandante da *United States Army in the South Atlantic* (USAFSA), que tirou conclusões *in loco* — em 1944:

[...] conclui-se que Santa Maria seria o local ideal do ponto de vista estratégico e tático, ficava a cerca de 193 quilômetros da fronteira com a Argentina e a mesma distância do Uruguai, além de ser o centro do principal e melhor sistema ferroviário do estado do Rio Grande do Sul, estando ligada ao norte do estado e a capital Porto Alegre (Henrique, 2022, p. 107).

Com base no trecho acima, é perceptível como são invocadas as características assumidas pela cidade ao longo da sua relação com o Prata. Na estratégia nacional de aparelhamento das Forças Armadas voltada para a rivalidade com a Argentina, Santa Maria foi uma das cidades favoritas para receber um dos dois únicos aeródromos destinados ao Sul do país em 1944, devido a ser um dos principais entroncamentos ferroviários da região e por já contar com elevada presença de militares.

Em 14 de janeiro de 1944, foi então remetida a Vargas uma correspondência que confirmou o envio dos técnicos e equipamentos para a construção das bases aéreas no Sul, materializando os projetos até então teorizados.¹⁰ Além da construção das bases, foram enviados também ao Sul: “[...] um regimento blindado completo, três grupos de artilharia, setenta e cinco de tração animal e 417 metralhadoras, calibre trinta e cinquenta, tudo destinado ao Rio Grande do Sul.”¹¹

Em 26 de janeiro do mesmo ano, o então Secretário de Guerra estadunidense, Henry L. Stinson, comunicou à Secretaria de Estado, autorizando e instruindo sobre o uso de excedentes de materiais de construção e equipamentos de engenharia do Nordeste para o Sul da seguinte forma:

Informo que o Major General Robert L Walsh, Comandante General das Forças Armadas do Atlântico Sul, foi instruído a oferecer serviços técnicos dos seus engenheiros e emprestar certos equipamentos para auxiliar na construção de dois aeródromos no sul do Brasil. O Departamento de Guerra ficará feliz em tornar disponível para o Governo Brasileiro todo equipamento excedente disponível, que vai servir aos melhores interesses do seu Governo. Acredita-se, entretanto, que nenhum acordo deve ser feito com o Governo Brasileiro até que o Embaixador Caffrey e o General Walsh [Comandante General, Forças Armadas dos EUA no Atlântico] iniciem as agora contempladas negociações com o Brasil para o uso de aeroportos no pós-guerra (Stinson, 1944, p. 1).¹²

¹⁰ Souza, Carlos Martins Pereira e. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 14 jan. 1944. Disponível em:

<https://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=CorrespGV2&pasta=GVc1942.10.14&pagfis=14774>. Acesso em 14 mar. 2025.

¹¹ *Idem*.

¹² [Tradução nossa] do original em inglês: “*I can now inform you that Major General Robert L. Walsh, Commanding General, U.S. Army Forces South Atlantic, has been instructed to offer the technical services of his engineers and the loan of certain equipment to assist in the construction of two airfields in southern Brazil. The War Department will be glad to make all remaining surplus equipment available to the Brazilian Government if, in the opinion of the State Department, that will serve the best interests of this Government. It believes, however, that no arrangements should be made with the Brazilian Government until Ambassador Caffrey and General Walsh (Commanding General, U.S. Army Forces Atlantic) starts the now contemplated negotiations with Brazil for the post-war military use of airfields.*”. Fonte: Stinson, Henry L. [Carta]. Destinatário: Secretaria do Estado. Washington, 26 jan. 1944. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/16Z7i2oclmGq8Hao-Glu2NWaGVMkrCBDI>. Acesso em 15 mai. 2025.

Por fim, após os estadunidenses estudarem a viabilidade das localidades, coube às autoridades brasileiras a palavra final sobre quais seriam as localidades no Sul a receber os aeródromos. Assim, em 2 de março de 1944, o Ministro da Aeronáutica do Brasil, Joaquim Pedro Salgado Filho, confirma ao General Walsh que as cidades escolhidas seriam Santa Maria e Curitiba.¹³

Durante a troca de correspondência, é possível perceber que há um desencontro em matéria de nomenclatura acerca do que constituiria de fato o projeto. Enquanto Salgado Filho se refere a “aeroportos”, as comunicações internas dos EUA apontam para a realização de campos de pouso.

A partir da análise das fontes, constata-se que a diferença na nomenclatura se deve à instrução de corte de gastos no valor total destinado ao projeto em Santa Maria, solicitada desde 9 de fevereiro de 1944. Esse corte está relacionado à diferença entre o que foi planejado (uma base aérea) e o que foi realizado (um aeródromo). Nos relatórios analisados constata-se que o valor inicial de \$300.000,00 foi reduzido pela metade.¹⁴

O motivo para tal redução não é indicado diretamente. Todavia, a partir da análise da bibliografia, constata-se que, nesse período, há uma considerável atenuação tanto da percepção de ameaça argentina quanto do regime bolivariano surgido do golpe em relação aos EUA. Em relação aos primeiros, é sabido que em 26 de janeiro de 1944 a Argentina rompeu com o Eixo, enquanto a Bolívia se dispôs a cooperar com os Estados Unidos logo após o golpe, pondo fim ao receio da criação do Bloco Andino (Pinheiro, 2014; Cerro; Rapoport, 2015).

Em março de 1944, concomitantemente ao início das obras do Aeródromo em Santa Maria, começaram a chegar no estado rio-grandense os primeiros armamentos adquiridos via *Lend-Lease*. Foram enviados tanques leves e médios, carros blindados, metralhadoras .30, metralhadoras .50, canhões 37mm, obuses 75mm, etc.¹⁵ Em relação ao Aeródromo de Santa Maria, este teve suas obras finalizadas no primeiro trimestre de 1945.

¹³ Salgado Filho, Joaquim Pedro. [Carta]. Destinatário: Robert L. Walsh. Rio de Janeiro, 2 mar. 1944. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/16Z7i2oelmGq8Hao-Glu2NWaGVMkrCBDI>. Imagem DSC07386. Acesso em 09. mar. 2025.

¹⁴ Hertford, [s.n]. [Correspondência]. Destinatário: United States Army Forces South Atlantic Headquarters, 9 fev. 1944a. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/16Z7i2oelmGq8Hao-Glu2NWaGVMkrCBDI>. Imagem DSC07415. Acesso em 09, mar. 2025.

¹⁵ Souza, Carlos Martins Pereira e. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Dornelles Vargas. Washington, 14 jan. 1944b. Disponível em: <https://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=CorrespGV2&pasta=Gvc1942.10.14&pasta=Gvc1942.10.14&pagfis=18932>. Acesso em 14 mar. 2025.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizada a análise da documentação, percebe-se que a visão da rivalidade entre os dois países divergiu da opinião de certos militares brasileiros – como Leitão de Carvalho, Dutra e Góes Monteiro. Estes influenciaram o governo a aproveitar o clima de incerteza para concretizar o plano de adquirir armamentos e infraestrutura que objetivavam o aparelhamento das Forças Armadas, satisfazendo, assim, os interesses de setores militares específicos. Graças à preocupação compartilhada por Roosevelt e seu Estado-Maior (devido ao comprometimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial), esse plano se tornou viável.

O fluxo de armamentos e as negociações em torno das bases no sul começaram a chegar a partir de março de 1944. As tratativas foram aceleradas pela radicalização do governo argentino, todavia, oficialmente, por meio da diplomacia, o governo federal reiterou frente a comunidade internacional a visão de uma Argentina pacífica, preocupado com a escalada das tensões entre os dois países.

Além dos motivos já apresentados, a conjuntura geopolítica da época permitiu inferir outras razões para a escolha de Santa Maria como um dos dois locais a receberem pistas de pouso no sul do país. Conforme mencionado, a cidade já era historicamente um ponto estratégico para ações no Prata, contando com uma alta concentração de militares e abrigando o principal entroncamento ferroviário do sul do Brasil.

Por sua vez, a negociação das bases aéreas no sul teve como estopim o golpe de Estado na Bolívia, gerando a percepção, por parte dos estadunidenses, de que a Argentina iniciava uma estratégia de expansão de influência através de golpes. O interesse de Roosevelt e Cordell Hull em enviar armamentos para o sul do Brasil coincidiu com a oportunidade de aproveitar técnicos e equipamentos já presentes em solo brasileiro que haviam sido utilizados nas bases aéreas do nordeste.

Neste cenário, Góes Monteiro e Leitão de Carvalho atuaram como forças decisivas para persuadir os EUA a atenderem à demanda dos principais estrategistas militares brasileiros desde o início do século XX: equipar as Forças Armadas no sul do país. Para alcançar esse objetivo, foi crucial construir uma narrativa convincente que testasse a real ameaça argentina e a necessidade de enfrentá-la.

Em uma perspectiva historiográfica reitera-se a importância da construção do Aeródromo de Santa Maria como um evento com condicionantes e efeitos espalhados em dimensões sobrepostas do local, nacional e internacional. Por meio do episódio foi possível não apenas explorar uma dimensão pouco trabalhada em nível local, mas também

entender a maior complexidade das negociações que envolveram as tensões com a Argentina e o interesse na consolidação da parceria estratégica com os EUA.

Especificamente em relação à Argentina, a narrativa mobilizada em torno da percepção de ameaça pelos militares brasileiros frente aos estadunidenses evidência a instrumentalização como maneira de angariar os recursos necessários para atender os interesses dos militares.

Por fim, convém ressaltar para novas investigações possíveis caminhos com base no que foi explorado até então. Devido à ausência de trabalhos que investigam tal tema, será interessante para futuras pesquisas se debruçar mais sobre a documentação localizada em acervos que ainda não foram acessados, como é o caso do Arquivo Histórico do Itamaraty e documentos atrelados à Aeronáutica.

Também, apesar de não ser o foco dessa investigação, salienta-se que poderá ser interessante investigar também de que forma a operação de construção de bases aéreas no Sul na diplomacia dos países próximos, que certamente não passaram despercebidos, tamanha sua envergadura.

REFERÊNCIAS

BELÉM, João. **História do Município de Santa Maria, 1797-1993**. 2 ed. Santa Maria: Edições UFSM, 1989.

BELLINTANI, Adriana Iop. **O Exército Brasileiro e a Missão Militar Francesa: instrução, doutrina, organização, modernidade e profissionalismo (1920-1940)**. Volume I. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

BRANCATO, Sandra Maria Lubisco. A neutralidade argentina na Segunda Guerra Mundial: efeitos sobre as relações entre Brasil, Argentina e Uruguai. In: Cervo, Amado Luiz (org.); Döpcke, Wolfgang (org.). **Relações internacionais dos países americanos: vertentes da história**, Brasília: Linha Gráfica Editora, 1994. p. 256-267.

CAMPOS, Filipe Queiroz de. **Os informantes de Getúlio Vargas e a política externa brasileira (1930-1945)**. Juiz de Fora (MT): Afra Cultura Editora, 2024.

CAPELATO, Maria Helena. Aposentados habitués do centro de Santa Maria e a territorialização de espaços urbanos. In: Ferreira, Jorge; Delgado, Lucília de Almeida. **O Brasil Republicano: O tempo do nacional-estatismo (Vol. 2): do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo – Segunda República (1930-1945)**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. p. 112-148.

CERVO, Amado Luiz. **Relações internacionais da América Latina: velhos e novos paradigmas**. Brasília: IBRI, 2001.

_____; BUENO, Clodoaldo. **História da política exterior do Brasil**. 4 ed. Brasília: Editora Brasília, 2002.

_____; RAPOPORT, Mario (orgs.). **História do cone sul**. 2 ed. Rio de Janeiro: Revan, 2015.

COELHO, Pedro Motta Pinto. Observações sobre a visão Argentina da política internacional de 1945 até hoje. In: Guimarães, Samuel Pinheiro (org.). **Argentina: visões brasileiras**, Brasília: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, Fundação Alexandre de Gusmão, 2000. p. 11-89.

CONN, Stetson; FAIRCHILD, Byron. **The Framework of Hemisphere Defense**. Vol 12. Washington (D.C.): Center of Military United States Army, 1989.

DALMOLIN, Cátia Regina Calegari. **Em nome da Pátria: as manifestações contra o Eixo em Santa Maria, no dia 18 de agosto de 1942**. 2006. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2006. Disponível em: <http://tede.upf.br/jspui/handle/tede/126>. Acesso em 29 set. 2025.

DORATIOTO, Francisco F. M. **O Brasil no Rio da Prata (1822-1994)**. 2 ed. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2014.

DULCI, Tereza M. S. **As Conferências Pan-Americanas: identidades, união aduaneira e arbitragem (1889 a 1928)**. 2008. Dissertação. (Mestrado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-30112009-110850/pt-br.php>. Acesso em 18 jan. 2025.

DULLES, John. **Getúlio Vargas**. Rio de Janeiro: Renes, 1967.

EGGERS, Sabrina. ESTUDO SOBRE O SEGUNDO PÓLO DE DEFESA NACIONAL: CASO DE SANTA MARIA, RS, **Revista InterAção**, Santa Maria, v. 10, ed. 1, p. 138-142, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/interacao/article/view/37423>. Acesso em 23 set. 2024.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 14 ed. São Paulo: Edusp, 2024.

FLÔRES, João Rodolpho Amaral. **Trens na memória: num longo tempo, entre trajetórias público-privadas, fatos da história ferroviária brasileira e sul-rio-grandense**. Santa Maria, RS: Editora da UFSM, 2017.

FORTES, Alexandre. **The Second World War and the Rise of Mass Nationalism in Brazil: Class, Race and Citizenship**. Suíça: Palgrave Macmillan, 2024.

FROTA, Luciana Silveira de Aragão e. **Brasil-Argentina: divergências e convergências**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1991.

GAMBINI, Roberto. **O duplo jogo de Getúlio Vargas: a influência americana e alemã no Estado Novo**. São Paulo: Ed. Símbolo, 1977.

Cadernos de História: Belo Horizonte, v 26, nº 45, julho de 2026

HENRIQUE, Heitor Esperança. **A aliança militar Brasil-Estados Unidos e a Força Aérea Brasileira na Segunda Guerra Mundial (1942-1945)**. 2022. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/284/browse?type=subject&value=Brasil.+For%C3%A7a+A%C3%A9rea+Brasileiralink>. Acesso em: 24 jul. 2024.

HERMAN, Rebecca. **Cooperating with the Colossus: A Social and Political History of US Military Bases in World War II Latin America**. Nova Iorque (EUA): Oxford University Press, 2022.

HILTON, Stanley E. **Brazil and the Great Powers, 1930-1939: The Politics of Trade**. Rivarly by Stanley E. Hilton. Austin, Londres: University of Texas Press, 1975.

LATFALLA, Giovanni. **Relações militares: Brasil – EUA – 1939-1943**. 2 ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2023.

MCCANN, Frank Daniel Junior. **The Brazilian-American Alliance, 1937-1945**. Nova Jersey: Princeton University Press, 1975.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **Brasil, Argentina e Estados Unidos: conflito e integração na América do Sul (Da Tríplice Aliança ao Mercosul)**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

MROS, Günther Richter. **O Brasil nas guerras dos outros: uma história sobre o envolvimento brasileiro nas duas guerras mundiais e sobre o interesse nacional em meio a ressignificações sistêmicas (1914 - 1919 & 1930 - 1945)**. Itapiranga: Schreiber, 2023.

OLIVEIRA, Dennison de. **Aliança Brasil-EUA: nova história do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. Curitiba: Juruá, 2015.

_____. “A pior deficiência do Brasil”: aliança militar Brasil-EUA, políticas de transporte e as negociações sobre uso de bases militares no Pós-Guerra (1943-1945), **Revista Nordestina de História do Brasil**, Cachoeira, v. 1, n. 1, p. 51-90, 2019.

MACHADO, Márcia Kaipers. **A presença do Exército e da Aeronáutica na organização espacial de Santa Maria-RS**. Dissertação (Mestrado em Geografia, Área de Concentração em Sociedade e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/9279>. Acesso em: 01 ago. 2024.

PADOIN, Maria Medianeira. Alguns registros da história de Santa Maria – Cidade Fronteira. *In*: Andrade, Gustavo Figueira; Piassini, Gustavo Figueira Andrade; Padoin, Maria Medianeira (orgs.). **História de Santa Maria: novos olhares**. Porto Alegre: Casalettras, 2022.

PAZ, Alberto Conil; FERRARI, Gustavo. **Política exterior argentina, 1930-1962**. Buenos Aires: Círculo Militar, 1971.

PINHEIRO, Letícia. **Política externa brasileira**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

RAHMEIER, Andrea Helena Petry. **Diplomacia, jogos políticos, intrigas e guerra: a relação entre Alemanha e Brasil (1937-1942)**. 2 ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2022.

RAPOPORT, Mario. **História económica, política y social de la Argentina (1880-2000)**. 2 ed. Córdoba: Macchi Grupo Editor, 2003.

SMITH, Joseph. Brazil: Benefits of Cooperation. In: Bratzel, Jonh F. (org.); Leonard, Thomas M (org.). **Latin America during World War II**, Maryland (EUA): Rowman & Littlefield Publishers, 2007. p. 206-228.

SVARTMAN, Eduardo Munhoz. **Diplomatas, políticos e militares: as visões do Brasil sobre a Argentina durante o Estado Novo**. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.

Documentos

HERTFORD, [s.n]. **[Correspondência]**. Destinatário: United States Army Forces South Atlantic Headquarters, 9 fev. 1944a. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/16Z7i2oclmGq8Hao-Glu2NWaGVMkrCBDI>. Imagem DSC07415. Acesso em 09, mar. 2025.

HULL, Cordell. **[Correspondência]**. Destinatário: Franklin Delano Roosevelt. Washington, 8 jan. 1944a. Disponível em: <http://www.fdrlibrary.marist.edu/resources/images/psf/psfa0239.pdf>. Acesso em 14 mai. 2025.

LEITÃO DE CARVALHO, Estevão. **[Correspondência]**. Destinatário: General Ord. Washington D.C, 11 jan. 1944. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/16Z7i2oclmGq8Hao-Glu2NWaGVMkrCBDI>. Imagens DSC07408 e DSC07409. Acesso em 09. mar. 2025.

SALGADO FILHO, Joaquim Pedro. **[Carta]**. Destinatário: Robert L. Walsh. Rio de Janeiro, 2 mar. 1944. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/16Z7i2oclmGq8Hao-Glu2NWaGVMkrCBDI>. Imagem DSC07386. Acesso em 09. mar. 2025.

SOUZA, Carlos Martins Pereira e. **[Telegrama]**. Destinatário: Getúlio Vargas. Washington, 14 jan. 1944a. Disponível em: [\(https://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=CorrespGV2&pasta=GVC1942.10.14&pagfis=14774\)](https://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=CorrespGV2&pasta=GVC1942.10.14&pagfis=14774)(<https://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=CorrespGV2&pasta=GVC1942.10.14&pagfis=14774>). Acesso em 14 mar. 2025.

_____. **[Correspondência]**. Destinatário: Getúlio Dornelles Vargas. Washington, 14 jan. 1944b. Disponível em: <https://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=CorrespGV2&pasta=GVC1942.10.14&pasta=GVC1942.10.14&pagfis=18932>. Acesso em 14 mar. 2025.

STINSON, Henry L. [Carta]. Destinatário: Secretaria do Estado. Washington, 26 jan. 1944. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/16Z7i2oclmGq8Hao-Glu2NWaGVMkrCBDI>. Acesso em 15 mai. 2025.